

Falsos Profetas

estudo do evangelho

Mateus 7:15-20

José Atanásio da Rocha

16/01/2010



CETM - Cenáculo Espírita Thiago Maior

Mateus 7:15-20 Falsos Profetas

- 15** Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores.
- 16** Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?
- 17** Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém a árvore má produz frutos maus.
- 18** Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má dar frutos bons.
- 19** Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo.
- 20** Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

Indagações para estudar o trecho do evangelho:

1. Como compreender a figura do profeta no Antigo e no Novo Testamento, bem como, no contexto Espírita?
2. Deus teria delegado aos homens a missão de revelar a sua lei? Todos obtiveram tal permissão?
3. Como distinguir o verdadeiro do falso profeta?
4. Por que Jesus associou a ovelha, um ser dócil, à aparência do Falso Profeta?
5. Todo profeta produz bons frutos? Como distinguir os bons dos maus frutos?
6. São os bons frutos aceitos por todos? Por quê?
7. Jesus usa a árvore e seus frutos no sentido figurado. A que figura ele nos remete a idéia da árvore e dos frutos?
8. Nesse sentido, pode o ser que produz maus frutos tornar-se produtor de bons frutos? Em quais circunstâncias isso ocorre?
9. Jesus afirma que a “árvore má corta-se e lança-se ao fogo”. O que quer dizer esse fogo e qual o proveito dele?
10. Portanto, qual a visão Espírita da idéia dos falsos profetas?

Falsos profetas.

A idéia de falsos profetas vem de tempos remotos. Não raro encontram-se nos textos bíblicos referências a eles. A idéia que se faz deles é a de um profeta, cujas palavras proferidas opõem-se aos ensinamentos de Deus. Deuteronômio (6), 18:20-22, transcreve a orientação dada ao povo Judeu pelo mensageiro divino, da seguinte forma: *“Porém o profeta que presumir soberbamente de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não tenho mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, o tal profeta morrerá. E se disseres no teu coração: Como conheceremos a palavra que o SENHOR não falou? Quando o tal profeta falar em nome do SENHOR, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é palavra que o SENHOR não falou; com soberba a falou o tal profeta; não tenhas temor dele”*.

Uma profecia era considerada uma mensagem vinda do próprio Deus, por isso, deveria ser temida. As advertências dos verdadeiros mensageiros divinos cumpriam-se e eram objeto de grande respeito entre os povos do Antigo Testamento. A imagem do falso profeta manteve-se viva na lembrança do povo Judeu em todos os tempos. O Mestre também advertiu a seus seguidores sobre os falsos profetas, atribuindo-lhes, como resultado, os atos contra os quais deveríamos nos prevenir. Se por um lado, na lei mosaica o profeta da verdade usava de suas palavras para o reconhecimento de sua autenticidade, nas observações de Jesus, ele é conhecido por seus frutos.

A idéia dos frutos dos falsos profetas também é motivo de preocupação do Apóstolo Paulo, em sua epístola aos Romanos (6), Cap.16:17-18, ao advertir os irmãos daquela igreja da seguinte forma: *E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviái-vos deles. Porque os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos símlices*. Em Atos (6), Cap. 13:6, Paulo descreve a identificação de um falso profeta, em sua viagem pela Grécia: *Havendo atravessado a ilha toda até Pafos, acharam um certo mago, falso profeta, judeu, chamado Bar-Jesus*.

Em outro trecho do evangelho, Marcos (6) registra no Cap. 13:22 a observação de Jesus sobre a presença dos falsos profetas, dizendo: *“Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos”*. Essa advertência de Jesus expõe o resultado dos frutos do falso profeta, cujas conseqüências levam ao completo engano. Richard Simonetti (4), em a Voz do Monte, ao discorrer sobre o assunto, no capítulo Profetas Transviados, assim expõe a idéia do falso profeta: *“Muitos ambiciosos sonhavam com a condição de profetas, simulando poderes e virtudes que não possuíam”*. Disso resulta que havia os que imitavam aqueles que se dedicavam a viver conforme as orientações divinas, para se valerem de prestígio, de reconhecimento e de fama, em benefício próprio.

Nesse sentido, estreita-se a compreensão do Espiritismo sobre o falso profeta. Em o Evangelho Segundo o Espiritismo (1) encontra-se um verdadeiro brado de alerta para o qual se deve atentar; não somente os espíritas convictos, como, também, os que buscam a Doutrina Espírita, tangidos pela curiosidade ou pela dor. A abordagem de Kardec (1) a respeito diz que *“...Para o vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por muito extraordinário que pareça, mais não é do que aplicação de uma lei da Natureza. Assim, o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da Ciência se alarga”*.

É inegável que tais conhecimentos foram dados ao homem. Ao longo da história da humanidade, muitos homens de gênio puderam aprender a manipular palavras e conhecimento de grande efeito que causasse admirável assombro, mesmo que não fosse para o bem comum. Por isso, muitos usaram de genialidade, para manipular o sobrenatural, como um instrumento que lhes desse poder de convencimento geral. Por isso, Kardec (1) expõe no mesmo capítulo: *“Em todos os tempos, homens houve que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um pseudopoder sobrehumano, ou de uma pretendida missão divina. São esses os falsos Cristos e falsos profetas. A difusão das luzes lhes aniquila o crédito, donde resulta que o número deles diminui à proporção que os homens se esclarecem. O fato*

de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui, pois, sinal de uma missão divina, visto que pode resultar de conhecimento cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno não se acha inibido de possuir, tanto quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por mais sérios caracteres e exclusivamente morais”.

Os homens sempre esperaram em Deus uma orientação segura e protetora, para se conduzirem no mundo. Deus, por sua vez, criou critérios para enviar suas mensagens, por meio de seus representantes mais ilustres. No Velho Testamento, diante do tabernáculo do Senhor, eram poucos homens dentre as 12 tribos de Israel que conseguiam o direito de serem propagadores das revelações divinas. Havia no tabernáculo um lugar geral, onde se reuniam os povos, chamado Átrio. Um pouco mais além, um altar, que separava o átrio de uma câmara chamada Santo Lugar. Havia ainda um anexo contíguo, o qual era chamado de Santo do Santo, onde só entrava o Sumo Sacerdote.

Arão era o líder da tribo responsável para receber as mensagens divinas. Em Êxodos, cap. 27:21, Moisés recebe orientações dos mensageiros divinos para que “...*Na tenda da revelação, fora do véu que está diante do testemunho, Arão e seus filhos a conservarão em ordem, desde a tarde até pela manhã, perante o Senhor; este será um estatuto perpétuo para os filhos de Israel pelas suas gerações”.* Com isso, Arão e seus descendentes eram os administradores e responsáveis pela manutenção do lugar onde os mensageiros de Deus dava as revelações. Ainda em Êxodos 28:43, o anjo do Senhor continua com as orientações: “...*E estarão sobre Arão e sobre seus filhos, quando entrarem na tenda da revelação, ou quando chegarem ao altar para ministrar no Lugar Santo, para que não levem iniquidade e morram; isto será estatuto perpétuo para ele e para a sua descendência depois dele”.* Portanto, desde o princípio, nem todos obtiveram a permissão de serem mensageiros das revelações da Lei Divina, cabendo a poucos a missão de fazê-lo, em condições e locais apropriados, na era mosaica.

Com o passar dos tempos, surgem os profetas, homens com uma percepção mais sensível aos anseios de Deus para com as revelações, cuja conduta de vida sugeria

privações das questões do mundo, em favor de uma vida de retidão e de amor a Deus. Kardec (1), no item 4, expõe a missão dos profetas, ao dizer que: *“...Atribui-se comumente aos profetas o dom de adivinhar o futuro, de sorte que as palavras profecia e predição se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, o vocábulo profeta tem mais extensa significação. Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Pode, pois, um homem ser profeta, sem fazer predições”*.

Exatamente pelo fato de o profeta ser um homem enviado por Deus é que não se concebe a idéia de que o Altíssimo delegou igualmente aos homens a missão de revelar a sua Lei. A esse respeito Kardec (1), no item 5, afirma que: *“...Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da Natureza. Sendo estas, exclusivamente, obra de Deus, pode ele, sem dúvida, derogá-las, se lhe apraz; o simples bom senso, porém, diz que não é possível haja ele dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, nem, ainda menos, o direito de desfazer o que ele tenha feito”*.

É nesse contexto que surge a idéia do falso profeta. Entretanto, seria preciso uma investigação mais minuciosa para distinguir o verdadeiro do falso profeta. Rodolfo Calligaris (3) sugere que *“... o Mestre nos diz claramente que a distinção entre os autênticos e os falsos profetas deve fundamentar-se, não propriamente naquilo que propaguem, mas na observância ou não daquilo que propaguem”*. No mesmo sentido, Pastorino (8) sugere que se examinem os frutos, ou seja, a sistematização da essência, para verificar a veracidade das ações do emissário. Ainda no mesmo capítulo, ele procura traçar um paralelo das ações com a caridade, ao afirmar que: *“Os frutos principais são o AMOR e a HUMILDADE, que têm como consequência fatal o SERVIÇO. Mas pode haver muito serviço sem fundamento no amor e na humildade. Como o veremos? Se houver desamor (críticas) ou orgulho (vaidades feridas), isso mostra que os frutos ainda estão verdes”*.

É fato que nos tempos atuais precisaríamos de uma melhor compreensão do que seriam os profetas contemporâneos. Para o Espiritismo, podemos definir os profetas como médiuns, indivíduos dotados de faculdades psíquicas avantajadas, que lhes

permitem falar e agir sob inspiração espiritual. Hoje, mais do que ontem, a mediunidade eclode em todas as camadas da população, em abundante manifestação no seio de todas as religiões. Assim, não é privilégio do Espiritismo ter mensageiros do alto; as religiões também os têm. Todavia, mesmo ao reconhecer que as mensagens provêm do alto, nada garante a veracidade de suas fontes.

Para que os ensinamentos proféticos tenham a devida credibilidade é preciso compreender que as lições evangélicas têm ensinamentos mais profundos e vinculadas com a verdade. Simonetti (4) trata do assunto com a seguinte afirmativa: *“Lobos sempre surgirão, mistificadores se imiscuirão entre os servidores leais, iludindo os ingênuos e confundindo até os mais esclarecidos. Invariavelmente, porém, serão descobertos desde que observados atentamente, já que as virtudes que ostentam são simples máscaras, que não tardarão em cair, ante as pressões interiores de suas ambições e fraquezas”*. Isso reforça a idéia dita por Jesus que é pelos frutos que conheceremos os falsos profetas. Cedo ou tarde, a máscara cai.

Ao afirmar que os falsos profetas se apresentam como ovelhas, Jesus deixa claro que muitos poderão se enganar com os lobos que se apresentam mansos como o cordeiro. A ovelha, um ser dócil, representa a candura esperada no emissário divino, a exemplo da imagem que fazemos de Jesus. Do contrário, suas mensagens não conquistariam o seio do coração aflito, em busca de alento para o espírito do homem. O falso profeta espera que sua mensagem seja bem assimilada e respeitada se se apresentar como um “Cordeiro de Deus”. Ao fazer o paralelo entre ovelha e lobo, Jesus estabelece uma distinção clara, cujos frutos resultam em ações opostas. Pastorino (8) nos dá uma idéia de como o lobo age como cordeiro ao dizer que: *“Em Mateus, o texto é precedido de uma advertência, ressaltando o exame cuidadoso que devemos fazer de tudo o que nos dizem os “profetas” (médiuns e pregadores, e escritores, etc.), que podem trazer-nos noções falsas. Ainda que vestidos com roupas exóticas, com vestes tradicionais, com mantos dourados; embora falando com unção, movendo os olhos com beatitude, gesticulando com modéstia estudada; se bem que tenham, numa palavra, atitudes de cordeiros mansos, seu interior (grego ésothen, que corresponderia a “seu coração”) apresenta enganos e falsidades. Talvez eles mesmos nem o percebam, por*

incapacidade ou ignorância, sendo os primeiros enganados. Mas, cuidado com eles, diz Jesus. Examine-se tudo, fazendo passar pelo crivo da razão”.

Daí, entendemos que nem todos os profetas produzem bons frutos. Resta-nos, portanto, entender como distinguir os bons dos maus frutos. O que se espera dos bons frutos é que os resultados sejam para o bem geral e proveito de todos. Já os maus, não ressoam em resultados proveitosos e seus feitos caem no vazio. Pode-se imitar os bons exemplos, todavia, não se pode atribuir aos seus frutos o aspecto moral, que o expõe negativamente. Como já foi dito antes nas observações de Kardec (1), as luzes ofuscam a razão e, na medida em que o homem se esclarece apoiado pelo avanço da ciência, seus ensinamentos se apagam e os falsos profetas tendem a diminuir. Por outro lado, os profetas verdadeiros encontrarão guarida para seus ensinamentos, diante do mesmo avanço científico.

Calligaris (3) esclarece sobre as ações daqueles que estão amparados pela verdade, ao afirmar que: *“Quem esteja, efetivamente, a serviço de elevada missão, quem seja mesmo um enviado de Deus, não precisará apregoá-lo para ser acreditado como tal; dar-se-á a conhecer “pelos seus frutos”, isto é, impor-se-á pela excelência das virtudes que exemplifique, pelos atos de altruísmo que pratique”.* Passa-se pelo crivo da razão e vamos encontrar nos verdadeiros profetas (médiums, escritores e oradores) suas ações de verdade, que resultam em frutos irrefutáveis, do mesmo modo como a Física, a Química e a Geologia revelam as leis materiais. É evidente, que toda verdade divina atende às leis naturais, reforçadas pela prática da caridade, com base na lei do amor e na humildade. Por isso, suas ações, ou seja, seus frutos, são prioritariamente norteadas não para o bem individual, mas, sim, para o bem geral.

O fruto, quando vinculado somente à aparência cosmética das ações do homem, representa o mau fruto e não passa de prática exterior, sem atingir as fibras do coração. A idéia de associar o fruto mau à prática exterior, exemplificando somente pela aparência, foi bem ilustrada por Emmanuel (5), ao dizer que: *“Ninguém que se consagre realmente à verdade dará testemunho de nós pelo que parecemos, pela superficialidade de nossa vida, pela epiderme de nossas atitudes ou expressões*

individuais percebidas ou apreciadas de passagem, mas sim pela substância de nossa colaboração no progresso comum, pela importância de nosso concurso no bem geral”.

Disso resulta que os bons frutos dos verdadeiros profetas são proveitosos àqueles que esperam encontrar recursos para o progresso moral e espiritual, com base nos ensinamentos de Jesus. Todavia, resta-nos compreender se os bons frutos são aceitos por todos. Jesus nos trouxe ensinamentos sublimes, exemplificados e praticados por ele próprio, todavia, isso não assegurou que os homens de seu tempo o compreendessem e a não aceitação de seu evangelho o levou à crucificação. Daí entende-se que nem todos estão prontos para aceitar os bons frutos, tal como eles devem ser empregados, se o resultado não satisfizer aos anseios e interesses deles.

Aqui cabe ressaltar o efeito que produz o fruto. Pastorino (8) destaca que: *“Por seus frutos os conhecereis’. Com perspicácia, Jesus não diz ‘por suas obras’, fáceis de enganar, mas ‘por seus frutos’. O fruto é o produto da árvore, que lhe resume e sintetiza a essência, para produzir amanhã nova árvore”.* Essa sublime observação nos lembra que uma árvore gera outra arvore, por meio de seu fruto. Assim, todo aquele que se engana com o mau fruto, corre o risco de se tornar, também, produtor de maus frutos, ao seguir o mesmo caminho e tornar-se uma árvore igual. Por isso, é imprescindível avaliar com cuidado os frutos de uma árvore, antes de se valer dele, ou seja, antes de se apropriar de seus exemplos.

Ao usar como exemplo didático a árvore e seus frutos, Jesus remete à idéia do homem e de suas práticas. A árvore, símbolo do homem, produz frutos, que podem ser bons ou maus, cujos resultados produzem outros homens, ou seguidores, que darão frutos semelhantes. Assim, o homem que pauta suas ações pelo princípio de interesse pessoal e vive das aparências de suas obras representa a má árvore; aquele, porém, que se espelha no moral do Cristo e deposita em seus corações o desejo ardente de buscar a reforma íntima, exemplificando o que pratica, representa a árvore que produz bons frutos.

Foi nesse sentido que Rustaing (7) advertiu que: *“Aquele que não mostra aos outros os frutos da moral que prega é uma árvore má. Se sois boa árvore, dai bons frutos. Se, pois, regardes os vossos atos pela moral do Cristo e pelos seus ensinamentos, serão*

bons os vossos frutos. Se, porém, vos afastais dessa moral e desses ensinamentos, sejam quais forem as vossas palavras, não estando com elas acordes os vossos atos, sois árvores más destinadas a ser cortadas...”.

Isso, evidentemente, não significa que aquele que produz maus frutos não venha, um dia, produzir bons frutos. Para entender essa situação é preciso nos remeter à idéia da reforma íntima e do processo de reencarnação. A circunstância em que isso ocorre se dá no processo da instrução. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1), no cap. VI, o Espírito de Verdade (Paris 1860) nos orienta: “*Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram...”*. Portanto, amor e instrução representam o antídoto para o engano e o caminho seguro para a reforma íntima, que nos conduz a produzir bons frutos.

Por outro lado, esse caminho poderá ser longo e isso significa que o homem que produz maus frutos depurar-se-á pelo processo de transmigração da alma e, daí, produzir bons frutos. Se ainda assim, a evolução tardar, ele não gozará da promessa de herdar a terra. Daí, só lhe resta a expiação em dolorosos processos de retomada ao programa de evolução, como afirma Calligaris (3): “*Se não dermos bons frutos, poderemos, ao se fechar o presente ciclo evolutivo da Terra, ser banidos para um mundo inferior, e ali provarmos o fogo depurador das mais tristes e dolorosas expiações*”. Resta-lhe, portanto, o fogo depurador, para convertê-lo em árvore boa.

O fogo também é usado como um símbolo de purificação por Jesus, quando afirmou que a árvore má deve ser cortada e lançada ao fogo. Um leitor menos avisado deixaria de examinar a importância dessa observação de Jesus. Mas, de fato, o que Jesus quis dizer com isso? Qual o proveito desse fogo para a árvore? A idéia de purificação pelo fogo é antiga e Jesus a usou de várias maneiras a exemplo e costume do povo de sua época. Pastorino (8), na mesma referência, expõe um trecho que ilustra a idéia do fogo purificador ao dizer que: “*Essa a tradição rabínica (e provavelmente popular) na época de Jesus, e daí tê-la o Mestre aproveitado para dar a seus discípulos a idéia da purificação dos erros cometidos através "do fogo do vale dos gemidos", no mesmo sentido: o "fogo" da lei que desgasta as impurezas nas dores porque a humanidade*

passa, enquanto "no caminho" através deste "vale dos gemidos". Rustaing (7), ao se referir ao fogo dito por Jesus nessa passagem, diz: "... sois árvores más destinadas a ser cortadas e lançadas ao fogo, isto é, destinadas à expiação e à reencarnação...", fazendo uma alusão ao fogo, como o instrumento de purificação, por meio do processo reencarnatório.

Continuando, ele explica o efeito do sofrimento, por meio da reencarnação purificadora, para o espírito errante: *"Longa será por isso a duração das suas provas e expiações: eternidades de sofrimentos correspondendo a eternidades de faltas. Quer isto dizer que os sofrimentos ou torturas morais, apropriados e proporcionados às faltas, ao grau de culpabilidade, suportados na erraticidade após a morte, ao fim de cada existência sucessiva, e a reencarnação, nos mundos inferiores de expiação, se reproduzirão, para o Espírito culpado, até que, por meio de provações bem sofridas, deixe ele de se manter rebelde à lei de reparação e de progresso, segundo a qual se purificará, para tomar lugar entre os bons Espíritos, o que ocorrerá quando, por se haver tornado incapaz de praticar o mal, só o seja de praticar o bem..."*. Assim, o fogo sugerido por Jesus, para que se lance a árvore que não dá bons frutos, sugere a oportunidade de reparação do homem que produz más ações, na certeza de que lhe resta esperança para a reforma íntima, até que retome o lugar entre os bons espíritos.

Finalmente, a visão espírita para falsos profetas diz respeito àqueles que se dizem mensageiros de Deus, por meio de ensinamentos e de práticas, para os quais eles não dão bons exemplos de fato. Os falsos profetas podem levar inúmeros seguidores a erros e a vícios ligados à personificação de interesses próprios, sem se importarem com os deveres morais, mas, sim, invariavelmente, com os materiais. Seus interesses residem na aparência de suas obras, no monopólio da verdade, no brilho de suas aparições, sem se preocuparem se os resultados de seus atos estão pautados nos princípios e nos passos de Jesus. São encontrados em diversas camadas nos seis das religiões, nas quais procuram ludibriar e tyrannizar seguidores inocentes, com seus dogmas e ensinamentos que não resultam no bem geral, em proveito de todos.

Os falsos profetas da Terra ou da erraticidade podem ser facilmente reconhecidos, porquanto os traços dominantes de suas personalidades são o da vaidade e o do

CETM – Cenáculo Espírita Tiago Maior
Estudo Evangélico do grupo de tratamento mediunidade de 4ª feira

orgulho. Para reconhecê-los, deve-se julgar e examinar suas obras. Por isso, o meio espírita não fica também isento de possuir falsos profetas. Assumindo, sem credenciais, a posição de missionários ou reformadores, alguns espíritas podem, infelizmente, persuadir-se da infalibilidade. Nos médiuns, o perigo é ainda maior, caso se sintam seres privilegiados, pelo simples fato de possuírem “dons especiais”, concedidos pela misericórdia de Deus. Por isso, os verdadeiros espíritas devem orar e vigiar, para também não caírem nas artimanhas dos falsos profetas, que proliferam neste planeta.

Cenáculo Espírita Thiago Maior, Belo Horizonte, MG, 16/01/2010

Estudo organizado e realizado por: José Atanásio da Rocha

Referências Bibliográficas:

- (1) KARDEC, Allan. *Evangelho Segundo o Espiritismo*, O – Cap. XXI, Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas, itens de 1 a 7, pág. 317, FEB, 112ª edição, 1996.
- (2) VINÍCIUS. *Em torno do Mestre* – Capítulo: Lobos Vorazes, pág. 102, FEB, 7ª edição, 1999.
- (3) CALLIGARIS, Rodolfo. *O Sermão da Montanha* – Capítulo: Pelos seus Frutos Conheceréis, pág. 197, FEB, 15ª edição, 1964.
- (4) SIMONETTI, Richard. *A Voz do Monte* – Capítulo: Profetas Transviados, pág. 183, FEB, 4ª edição, 1991.
- (5) XAVIER, Francisco C. – ditado pelo espírito EMMANUEL. *Fonte Viva* – Cap. 7: Pelos Frutos, pág. 29, FEB, 34ª edição, 2006.
- (6) ALMEIDA, João F. (tradução). *Bíblia Sagrada*, A – livros de Êx 27:21 e 28:43, Deu 18:20-22, Mc 13:22, At 13:16, Rom 16:17-18, SBB, 1969.
- (7) ROUSTANG, J. B. *Os Quatro Evangelhos* – Tomo II, Cap: Falsos profetas. — Frutos da mesma natureza que a árvore, pág. 66, versão eletrônica, sem identificação de editora.
- (8) PASTORINO, C. Torres. *Sabedoria do Evangelho* – livro 2, Cap: Frutos do Espírito, pág. 143, Ed. Sabedoria, 1964.